

## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 24/03/2019.

**JULIANA CRISTINA BESSA**

**“DEIXE-ME SENTIR”:  
(des)encontros entre sexualidade e o campo da Saúde Mental em  
periódicos brasileiros  
(2001-2014)**

**ASSIS**

**2017**

**JULIANA CRISTINA BESSA**

**“DEIXE-ME SENTIR”:  
(des)encontros entre sexualidade e o campo da Saúde Mental em  
periódicos brasileiros  
(2001-2014)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de mestrado em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Fernando Silva Teixeira Filho  
Bolsista: CAPES e FAPESP nº processo:  
2014/26746-1

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

B557d Bessa, Juliana Cristina  
“DEIXE-ME SENTIR”: (des)encontros entre sexualidade  
e o campo da saúde mental em periódicos brasileiros  
(2001-2014) / Juliana Cristina Bessa. Assis, 2017.  
115 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

1. Sexo. 2. Saúde mental. 3. Reforma Psiquiátrica. 4.  
Psicologia social. I. Título.

CDD 616.89

Juliana Cristina Bessa

"DEIXE-ME SENTIR": (des)encontros entre sexualidade e o campo da Saúde Mental em periódicos brasileiros (2001-2014)

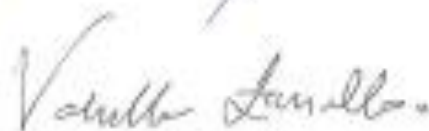
Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em PSICOLOGIA (Área de Conhecimento: PSICOLOGIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 24/03/2017

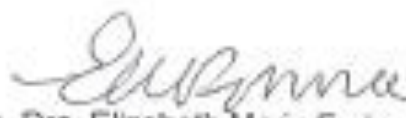
COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho - UNESP/ASSIS



Membros: Profa. Dra. Valeska Maria Zanillo de Loyola - UNB/BRASÍLIA



Profa. Dra. Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima - UNESP/ASSIS

*À todas as pessoas que foram e ainda são invisibilizadas por essa sociedade dita normal*

## AGRADECIMENTOS

Foi com muita trans(ins)piração que esse trabalho pôde ser construído. Um processo em que marcas e afetos compuseram essa pesquisa. Marcas humanas e não humanas, virtuais e presenciais foram deixadas nessas linhas que se seguem. (Re)encontros foram proporcionados neste percurso, tantas vezes, solitário. Essas pessoas e tantas outras não citadas (não por serem menos importantes, mas por leve esquecimento ou pela incapacidade de nomeá-las), tornaram este caminho mais leve e mais afetivo do início ao ....

À Maria Rita Melo Barcelos, minha companheira, que vivenciou intensamente comigo todo esse processo. Sem a sua companhia e parceria esse caminho não teria tanto afeto, sem o qual tudo teria sido tão pesado! Obrigada por entender e compreender em algumas fases dessa pesquisa, os vários momentos nas “24h do dia”, todas as transformações e sensações, por compreender de forma tão paciente e amorosa alguns momentos de fúria, desespero e irritações. Ao acolhimento tão afetivo que tanto me acalma e alegra. Agradeço por ter a escuta inteira das reflexões dessa pesquisa e além dela, por também compartilhar das discussões, disparando mais pensamentos. Lembra do “deixe-me sentir”?! Obrigada por fazer parte de tudo o que esse trabalho proporcionou e transformou, por caminhar junto comigo e também ser atravessada por ele.

Ao querido orientador, Fernando Silva Teixeira Filho, com o qual estou há 7 anos nessa caminhada. Agradeço a parceria desses anos, a aprendizagem, as reflexões e as trocas de afeto, de carinho e respeito. Tenho uma grande admiração pelo profissional ético que és e também por ser essa pessoa maravilhosa. Obrigada por disparar problematizações por seu comprometimento com uma psicologia implicada política/ética/esteticamente, por proporcionar uma escuta sensível, pela confiança e orientação.

À professora Elizabeth Maria Freire de Araújo e à professora Valeska Zanello, obrigada pelo aceite e disponibilidade de estarem na Banca de Qualificação e também de Defesa. Os apontamentos, sugestões e acima de tudo o diálogo com a pesquisa foram fundamentais para a continuidade da mesma. Os olhares sensíveis e críticos proporcionaram percursos novos e mais interessantes.

Ao Sílvia Yasui, obrigada pelo aceite de ser suplente na banca de qualificação e também de defesa. Desde a graduação até as supervisões durante o

Aprimoramento, suas reflexões e apontamentos resultaram em grandes problematizações que estão presentes nesse trabalho. À Ângela Donini, por aceitar participar da Banca de Defesa como suplente.

À professora Cristina Amélia Luzio, pela arguição crítica no início do projeto que proporcionou reflexões a posteriori.

À professora Soraia Georgina Ferreira de Paiva Cruz, supervisora de estágio no meu último ano da graduação por quem tenho muito carinho e admiração. Ao professor Wiliam Siqueira Peres, com quem pude compartilhar muitos momentos em disciplinas e intervenções. Obrigada pela potência de encontro que tive a cada momento com vocês e que me fizeram (re)pensar uma outra psicologia. Sem dúvidas essas reflexões ressoam nessa pesquisa.

À Ana Clara Magalhães, a segurança e o carinho vêm de longa data, como você mesma disse, desde quase os primeiros dias de Assis, companheira da primeira pesquisa e primeiro ano, de estágio e acima de tudo amiga! Obrigada por me acolher sempre nos momentos em que estava “perdida”, sempre com muito comprometimento ético o que transmite muita segurança e tranquilidade. Obrigada por também dialogar comigo do início ao fim dessa pesquisa, pelas leituras e discussões cotidianas.

Ao Bruno Pereira. Esse trabalho foi nosso elo de encontro e por meio dele, construímos algo ainda difícil de explicar. O que dizer de alguém que cotidianamente, mesmo longe, se mostrou tão presente em minha vida e nessa pesquisa, em todas as sensações que permearam esse trabalho? Obrigada por me “trazer de volta”, em meios a tantas ampliações, fantasias, “eternos retornos”. E obrigada, por dialogar, escutar, acolher os questionamentos, inseguranças e aflições que eram produzidas nesse processo. Das explicações conceituais aos diálogos cotidianos de força e coragem. “Ah, se nossos áudios fossem publicados”. A disponibilidade imediata e carinhosa com que teve com essa pesquisa, das reflexões às leituras minuciosas desse trabalho. Sem dúvidas, essa pesquisa foi permeada por nossas conversas diárias.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidades (GEPS), pelas trocas e pelas parcerias.

Ao grupo de estágio Clinic@rte, sob orientação do Fernando, onde pude retornar não mais como estagiária da graduação, mas sim, como estagiária de docência, agradeço pelo acolhimento e pelas trocas.

Ao Marcio Carvalho (Escritório de Pesquisa) que tanto me socorreu! Que carinho tenho por você. Obrigada por me acolher em todos os momentos “fapespianos”, auxiliando em todas as fases do processo com muito comprometimento e responsabilidade.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação da Unesp/Assis, em especial: Marcos Francisco D’Andrea e Sueli Aparecida Franco, por estarem sempre dispostos e serem sempre acolhedores em todos os momentos nos quais recorri a vocês. Aos Funcionários da Biblioteca, sempre tão prestativos e atenciosos.

Aos amigos da Pós e fora dela também, em especial, Marita Penariol, Pedro Henrique Santos Decanini Marangoni, Bruno Gonçalves dos Santos, Juliana Medeiros, Juliana Paula, Talita Machado Vieira, Nayara Fornazieri. Alguns encontros passageiros, outros encontros mais intensos que sempre transmitiam alegrias, conversas, discussões acadêmicas e também muitas risadas.

Amigos dessa terrinha que tanto gosto “e faz toda a diferença por estar rodeada em especial por vocês”: Mayara Freire Bonora, Fernanda Scudeller, Ligia Scudeller Bárbara Vukomanovic Molck, Gabriela Andrade, Matheus Barcelos, Beatriz Dias, Daiane Calçado, Marina Henriques, Milena Carreira Jorge e Laura Basoli. Aos amigos e amigas que estiveram sempre torcendo por mim, por todas as conversas e momentos que me permitiram repor energias tão potentes para continuar esse caminho.

Elisa Mariana Carvalho, Danielly Christina de Souza Mezzari, Fábio Moreli, Carolina Villanova Heguedusch e Adriana Sales. Pessoas lindas e especiais que no caminho dessa pesquisa conheci e me (re)aproximei. Cada uma a seu modo, tempo e intensidade, trouxeram para esse processo alegrias, acolhimento e compartilhamentos dessas doses de vida.

Aos amigos de longe, mas que de alguma forma estiveram presentes: Ovídio Neto Braga, Juliana Ortegas, Marcelo Leite, Beatriz Leme, Mariana Frizzas, Andressa Benini Mendes, Valquíria Camargo, Leandru Sussmann, Thiago Rodrigues de Paula, Carolina Campos, Edgard Andre e Izabel Borsari, que de diferentes maneiras puderam compor nesse caminho. Por meio de conversas, discussões, alegrias, risadas e muito afeto envolvido que permitem deixar a vida mais alegre.

Ao Kwame Yonatan, carinho enorme por esse querido!! Como a vida se torna tão poética ao seu lado, obrigada por fazer parte e mostrar que em meio a um caos e tempestade, podemos (re)encontrar a leveza e a potência.

Ao Maico Fernando Costa, pela rapidez e pela sutileza de um sentimento tão fortificado, que em encontros tão intermitentes só faz crescer, a força dessa amizade. Desde graduação, passando por aprimoramento, mestrado e agora? Ainda haverão muitos encontros que a vida e nós iremos nos proporcionar.

À Iara Andrade, “Chica Xavier”, minha grande amiga que tanto participou e participa intensamente desse processo comigo. Obrigada pelas pausas para um café, sempre rodeado de tanto afeto, e pelas outras pausas para a vida, pausas estas tão imprescindíveis. Obrigada por estar sempre junto nessa caminhada, e por transmitir de forma tão sensível o que é amizade e companheirismo. Obrigada por sentir junto todo esse tempo e da forma mais verdadeira possível; por compreender os momentos finais em que tive que de certa forma me ausentar. Obrigada amiga, por ser a definição exata daquilo que essa palavra significa.

À minha Mãe, Maria Ap. Mirabelli Bessa, que me ensinou o valor da vida e que para isso, temos que lutar muito. Agradeço a ela, por ter proporcionado, com muita luta e também dificuldade, a minha formação. Agradeço também por todos os momentos em que precisei e você esteve presente. Sabemos, como foi difícil, mas valeu e vale muito a pena! Grata por toda a vida! Todo o meu amor e reconhecimento a você! Ao meu pai, José Roberto Bessa, que em toda as suas singularidades, ao seu modo, me faz olhar para as sutilezas e simplicidades da vida e por me ensinar que “às vezes não temos que nos preocupar tanto, no fim vai dar certo”

À minha irmã Marli Ap. Stanichesqui Bessa e meu irmão Marcio José Bessa, que mesmo não estando tão presentes nesse processo de pesquisa, estiveram presentes de outra forma, nas “discussões eternas” de (des)construções tão presentes no cotidiano. Amor fraternal que muitas vezes desfaz os contratempos. E quem sabe essa pesquisa possa ser inspiração para reflexões da vida!

À minha tão amada tia, Neusa de Fátima Alves Bessa, companheira desde sempre. Despertando-me para correr atrás dos meus sonhos e dos meus objetivos, apoiando-me e auxiliando-me em vários momentos tão difíceis. Um amor único e especial por você! Obrigada por tudo!

Ao meu querido avô, Faustino Alves Bessa, inspiração maior não há! Eterno amor e amigo! Símbolo de inteligência de vida e memória. Quantas histórias desde meus primeiros meses de vida! Admiração por toda a trajetória, e sem dúvidas: Obrigada por me inspirar tanto! E agradeço também por me ensinar que temos que lutar e acreditar nessa vida!

À minha avó Leontina Anzoin Mirabelli. Amor e carinho por sempre me acolher para uma boa conversa e abraço apertado de afeto.

À minha avó Miguela Salazar Bessa (*in memoriam*), pela sensibilidade da existência. Uma saudade, uma vontade de estar junto. Grata por me ensinar a simplicidade e sensibilidade de amar.

Aos meus amores, sobrinhas e sobrinhos queridas/os, Arthur Sargi Bessa, Ana Luiza Stanichesqui, Catharina Sargi Bessa e Guilherme Sargi Bessa, obrigada por me proporcionarem as mais gostosas gargalhadas e os mais apertados abraços de encontros e despedidas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento nos primeiros meses da pesquisa. E à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro, cujo o número do processo é 2014/26746-1, auxílio imprescindível para realização plena deste trabalho.

BESSA, Juliana Cristina. **“DEIXE-ME SENTIR” : (des)encontros entre sexualidade e o campo da Saúde Mental em periódicos brasileiros (2001-2014)**. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2017.

## RESUMO

Os estudos sobre a sexualidade no cenário da loucura ainda permanecem incipientes, demonstrando uma lacuna existente nesse campo de discussão. A problemática da Saúde Mental, em todos os seus atravessamentos, configura-se como campo amplo e complexo, no qual podemos pensar a Saúde Mental enquanto um dispositivo de regulação dos corpos. As manifestações ditas psicopatológicas, das pessoas em sofrimento psíquico, são controladas por meio de discursos, assim como as diversas expressões da sexualidade que também sofrem algum tipo de controle ou negação. Em diversas situações, essas pessoas são interditas em relação aos seus desejos, por serem consideradas doentes, em tratamento, não sendo "autorizadas" a desejar, a querer e a sentir. Nessa perspectiva, destaca-se a notoriedade de como alguns corpos são invalidados por práticas disciplinadoras que ditam as regras do que é certo ou errado, que não possibilitam que esses corpos se afetem. Desse modo, esse dispositivo investe em meios de controle voltados para produção de corpos e modos de vida. Assim, por meio dos estudos de gênero e sexualidade e da técnica de análise de conteúdo, objetivamos problematizar os discursos que vêm sendo produzidos em relação as questões da sexualidade no campo da Saúde Mental. Observamos artigos científicos indexados nas bases de dados SciELO e LILACS, entre os anos de 2001 a 2014. Por meio das leituras e exploração do material, selecionamos 21 artigos, de um total de 2.336 (928 SciELO e 1.408 LILACS). Após leitura, os artigos passaram por um processo de inclusão e exclusão de acordo com os critérios estabelecidos. Uma vez selecionados, os artigos foram classificados em três categorias: 1. Sexualidade e Vulnerabilidade: "comportamento de risco", prevenção ao HIV/Aids em saúde mental; 2. Percepções/Representações Sociais que norteiam a atuação de profissionais frente às questões da sexualidade; 3. Comportamentos/Violências Sexuais e suas associações com "transtornos mentais". Estas categorias permitiram sistematizar o conteúdo referente as temáticas, bem como auxiliaram na verificação e reflexão do que vêm sendo (re)produzido nesse campo. De um modo geral, observamos como o discurso classifica, patologiza e diagnostica as expressões de gênero e sexualidade de pessoas em sofrimento psíquico, em uma perspectiva de cuidado atrelada às noções de práticas sexuais e políticas de prevenção. Verificamos uma ausência de problematizações e de produções científicas dessas questões no campo da Saúde Mental. Assim, pretendemos que nossas discussões possibilitem maior visibilidade e importância a essas questões, para a constituição de práticas de resistências por meio de articulação entre sexualidade e Saúde Mental, pautada na perspectiva da Atenção Psicossocial.

Palavras chaves: Sexualidade; Saúde Mental; Análise de Conteúdo; Atenção Psicossocial

BESSA, Juliana Cristina. **“LET ME FEEL”:** (dis)encounters between sexuality and the field of Mental Health in Brazilian periodicals (2001-2014). 2017. 115 p. Dissertation (Masters Degree in Psychology). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

#### ABSTRACT

Studies on sexuality in the madness scenario still remain incipient, demonstrating a gap in this field of discussion. The problem of Mental Health, in all its crossings, is configured as a broad and complex field, in which we can think of Mental Health as a device of bodies regulation. The so-called psychopathological manifestations of people in psychic suffering are controlled through discourses, as well as the various expressions of sexuality that also undergo some kind of control or negation. In a number of situations, these people are interdicted in relation to their desires, because they are considered sick, in treatment, not being "authorized" to desire, to want and to feel. From this perspective, stands out the notoriety of how some bodies are invalidated by disciplinary practices that dictate the rules of what is right or wrong, that do not allow those bodies to be affected. In this way, this device invests in means of control directed to the production of bodies and ways of life. Thus, through the studies of gender and sexuality and the technique of content analysis, we aim to problematize the discourses that have been produced in relation to sexuality issues in the field of Mental Health, through scientific articles indexed in the databases of SciELO and LILACS, between the years 2001 and 2014. Through the readings and exploration of the material, we selected 21 articles, from a total of 2.336 (928 SciElo and 1.408 LILACS). After reading, the articles went through a process of inclusion and exclusion according to established criteria. Once selected, the articles were classified into three categories: 1. Sexuality and Vulnerability: "risk behavior", HIV / AIDS prevention in mental health; 2. Perceptions / Social Representations that guide the performance of professionals on the issues of sexuality; 3. Sexual Violence/Behaviors and its associations with "mental disorders".; These categories allows to systematize the contents referring to the themes, as well as verify and reflect what have been (re) produced in this field. In general, we observe how the discourse classifies, pathologizes and diagnoses the expressions of gender and sexuality of people in psychic suffering, from a biomedical hygienist care tied to the notions of sexual practices and prevention policies. We verified an absence of problematizations and scientific productions of these issues in the field of Mental Health. Thus, we intend that our discussions allow greater visibility and importance to these issues for the constitution of resistance practices through articulation between sexuality and Mental Health, based on the perspective of Psychosocial Attention.

Keywords: Sexuality; Mental health; Content analysis; Psychosocial Attention

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 Artigos publicados por ano nas plataformas SciELO e LILACS.....	57
Tabela 2 Classificação dos artigos que estão inseridos na categoria 1.....	58
Tabela 3. Classificação dos artigos que estão inseridos na categoria 2.....	73
Tabela 4. Classificação dos artigos que estão inseridos na categoria 3.....	84

## SUMÁRIO

<b>NOTA INICIAL .....</b>	<b>16</b>
...uma viagem ao campo das desconstruções e das sexualidades, a qual não há uma chegada.....	16
...uma parada no campo da Saúde Mental.....	19
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
A Pesquisa.....	23

### PRIMEIRO ENCONTRO

<b>1. Há lugar (es) para as sexualidades no campo da saúde mental? O que pode um corpo louco? .....</b>	<b>26</b>
1.1. Regulações e aprisionamentos da existência .....	26
1.2. Estratégias de resistência e enfrentamento à lógica do racionalismo científico e médico. Rupturas e outras possibilidades de existências. O que a Reforma tem a ver com isso?.....	29
1.3. Dispositivo da sexualidade e o dispositivo da loucura: (In)visíveis afectos.....	34
1.4. O que autoriza o dispositivo agir? Como ele incide sobre o corpo classificado como "louco"? .....	40

### SEGUNDO ENCONTRO

<b>2. Apontamentos teóricos-metodológicos.....</b>	<b>46</b>
2.1. O que é estar em ação nessa ação de pesquisar?.....	46
2.2. Análise de Conteúdo: uma proposta teórico-metodológica.....	47
2.3. E, por que publicações científicas? .....	52
2.3.1. Como iniciamos? .....	54

### (DES)ENCONTROS

<b>3. Discussões nos (des)encontros entre sexualidade e Saúde Mental na produção científica .....</b>	<b>57</b>
3.1. Materiais: Artigos Científicos .....	57

3.2. Categorias Temáticas .....	58
3.2.1. Categoria 1. Sexualidade e Vulnerabilidade: “comportamento de risco”, prevenção ao HIV/Aids em Saúde Mental .....	58
3.2.2. Categoria 2. Percepções/Representações Sociais que norteiam a atuação de profissionais frente às questões da sexualidade .....	72
Vigilância, controle e punição.....	78
3.2.3. Categoria 3. Comportamentos/Violências Sexuais e suas associações com “transtornos mentais” .....	84
Tecendo as categorias.....	89
<b>Considerações para um próximo encontro...</b> .....	92
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	96
<b>ANEXO</b> .....	103
Anexo A – Resumo dos artigos por categorias temáticas .....	104

## NOTA INICIAL

*“Eu vos digo: é preciso ter ainda  
caos dentro de si, para poder dar à luz  
uma estrela dançante”  
(Friedrich Nietzsche)*

**...uma viagem ao campo das desconstruções e das sexualidades, a qual não há uma chegada...**

Embarquei em uma viagem na qual não tinha a dimensão do que poderia se passar, e ainda passo por diferentes lugares e sensações. Experiências que comecei a vivenciar e que me atravessaram, e me atravessam, de tal forma, que não consegui mais chegar ao fim. E quer saber? Não quero nunca a chegada!

No ano de 2008, início do meu segundo ano de graduação<sup>1</sup>, participei de um processo seletivo de bolsa<sup>2</sup> de auxílio financeiro, com a qual fui contemplada; o passo seguinte foi escolher uma/um orientadora/orientador e desenvolver junto com esta pessoa alguma atividade durante aquele ano. Desse modo, fui ver a lista das/os professoras/es que estavam com vagas.

As temáticas eram diversas, entretanto, eu não conhecia muito os docentes que ali estavam, pois estava ainda no meu segundo ano. Então, fui pedir informações a colegas veteranas para saber mais sobre aquelas propostas e seus respectivos responsáveis. Mas, uma temática logo de início havia despertado o meu interesse. Esta era trabalhada por dois professores, Fernando Silva Teixeira Filho e William Siqueira Peres<sup>3</sup>, porém com diferenças pequenas entre os nomes das propostas de cada professor, o que me levou a buscar mais informações sobre elas.

Munida de informações, faço minha escolha e vou então ao encontro de Fernando, que me proporcionou o embarque nessa viagem que me transformou e me desconstrói a cada ponto de parada. E ele continuou e ainda continua nessa viagem comigo. Antes supervisor, agora orientador e, acima de tudo, parceiro.

---

<sup>1</sup> Graduação em psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP/ASSIS).

<sup>2</sup> Refiro-me a Bolsa BAAE I (Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão) que tem a finalidade de proporcionar apoio financeiro ao aluno com carência socioeconômica comprovada. Para tanto, é necessário que o aluno desenvolva uma Pesquisa Acadêmica com uma determinada carga horária.

<sup>3</sup> Ambos professores desenvolvem trabalhos no campo das sexualidades e gêneros na Universidade Estadual Paulista (UNESP/ASSIS).

A minha primeira parada foi participar das supervisões de estágio do Projeto *Corpo, Afecto e Sexualidade*, no trabalho com Educação Sexual (PROEX) e Clínica das Diversidades Sexuais. Em ambos, a temática do gênero e sexualidade foi amplamente abordada. Tais estudos puderam servir de base teórica para a minha participação na pesquisa “*Homossexualidades, homofobia e tentativas de suicídio em adolescentes e jovens GLBTT*”<sup>4</sup>. O intuito desse trabalho foi desenvolver conceitualmente as questões ligadas à violência de gênero, homofobia e vulnerabilidades de adolescentes e jovens ao suicídio, comportamento sexual de risco às DST/HIV-Aids, álcool e outras drogas. Essa participação na pesquisa desenrolou-se em muita aprendizagem e produções, como apresentações de trabalho em congressos, publicação de artigo (TEIXEIRA-FILHO; RONDINI; BESSA, 2011), dentre outras atividades. O trabalho teve continuidade até meu terceiro ano de graduação, como Estágio Básico.

Nesta fase da faculdade, já estava no encantamento por essas questões das sexualidades e continuei como voluntária participando do estágio e, então, fiz uma parada na *Casa da Criança “Dom Antônio José dos Santos”*, na cidade de Assis. Iniciei junto com uma colega de estágio o desenvolvimento de oficinas semanais de sexualidades com crianças desta instituição na faixa etária de 6 anos. Durante as atividades, uma questão feita por uma das crianças nos atravessou/nos chamou atenção: “*O que eu quero com isso?*”. Durante todo o trabalho, essa interrogação nos movimentou, levando-nos a problematizar preconceitos relativos à sexualidade, gênero, raça, cor e etnia na infância.

Nesse ano também tive a sorte de cursar uma *disciplina obrigatória* na grade do curso de psicologia: “*Psicologia, Gêneros e Processos de Subjetivação*”, que me proporcionou lidar com as questões que emergiram no trabalho com as oficinas, bem como refletir a respeito de uma psicologia comprometida eticamente com as discussões de gêneros e sexualidades.

Outra parada, essa se seguiu até o ano de 2012, foi o encontro com a ONG NEPS-Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades, em Assis. Esse encontro foi intenso, a partir do qual muitas vivências e experiências puderam ser realizadas. Pessoas, projetos, editais, cafés, financiamentos, parcerias, redes, cines debates, plantões/acolhimentos/atendimentos, intervenções, oficinas, luta e

---

<sup>4</sup>Pesquisa financiada pelo Programa Nacional de DST/HIV- Aids (NTC 251/07).

militância. Luta pela diversidade e por uma sociedade mais justa. Momentos que, hoje, são lembrados com nostalgia.

Eis que chegaram os estágios curriculares de quarto e quinto ano e, sem dúvidas, escolhi e continuei no estágio “Estágio Profissionalizante em Políticas Públicas e Clínica Crítica: Clínica das sexualidades: as políticas dos agenciamentos amorosos I e II”. Ainda no quinto ano, faço um estágio extracurricular em “Políticas Públicas e Clínica Crítica: Laços de Amor: adoção, gênero, cidadania e direitos”. Assim como o estágio que participei por conta da bolsa BAAE, estes estágios, curriculares e extracurriculares, eram coordenados pelo Prof. Fernando Teixeira, que permitia a minha participação nas supervisões bem como na realização das oficinas com as crianças.

Em outros estágios<sup>5</sup> de uma outra ênfase, com outra/outro supervisora/supervisor também acabei por desenvolver em minhas práticas, trabalhos com sexualidades e gêneros. Tentava a qualquer modo, levar e trabalhar com uma proposta em que as desconstruções das sexualidades, estigmas e preconceitos relacionados ao gênero, raça, classe social, orientação sexual e demais marcadores sociais da diferença, estivessem presentes em minha proposta teórico-prática de estágio em diversos campos/áreas.

Essa viagem a esse campo não chegou ao fim, nem mesmo com o fim da graduação, a qual posso dizer que foi “diferenciada” por ter sido atravessada por esses questionamentos diários, relacionados a esse campo de problematizações enquanto posicionamento ético, político e estético. Já graduada em psicologia, adentrei em outros espaços dando continuidade ao trabalho com sexualidades. Oficinas em CRAS - Centro de Referência de Assistência Social<sup>6</sup>, trabalhos voluntários em parcerias na área da saúde<sup>7</sup> e outras atividades pontuais. E então,

---

<sup>5</sup>Estágio em Desenvolvimento Humano e Processos Educativos: Projeto Ações Educativas em Psicologia Social: uma forma crítica de promover a saúde social em grupos educativos I e II, sob supervisão do professor Dr. Antônio Carlos Barbosa da Silva (4º ano). Estágio Profissionalizante em Desenvolvimento Humano e Processos Educativos Cartografia da juventude: a constituição do sujeito pedagógico e a experiência em si I e II, sob supervisão da professora Soraia Georgina Ferreira de Paiva Cruz (5ºano).

<sup>6</sup> Realização de oficinas no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) - Platina/SP. “Sexualidade, Educação e Saúde junto aos adolescentes do Projeto Ação Jovem”.

<sup>7</sup>Participação em parceria com o GIPA (Grupo Integrado de Prevenção e Atenção as DST/AIDS-Secretaria Municipal de Saúde, Assis/SP) com o trabalho de prevenção, orientação e distribuição de insumos junto as profissionais do sexo, em forma de visitas em seus lugares de trabalho.

eis que tenho uma outra parada, na qual começo a caminhar e amadurecer a proposta de pesquisa de mestrado.

### **...uma parada no campo da Saúde Mental...**

O primeiro encontro com o campo da Atenção Psicossocial foi durante a disciplina curricular do terceiro ano (2009) na graduação: “*O campo da Atenção Psicossocial*”, ministrada pelo professor Sílvio Yasui, na qual tive a possibilidade de conhecer e aprender um pouco sobre esse campo da saúde mental. Coincidentemente, ou não, meu trabalho final da disciplina (tema livre) foi sobre “Mobilizações Sociais”, no qual desenvolvi uma problematização em relação ao movimento da luta antimanicomial e o movimento GLBTTS<sup>8</sup> (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Simpatizantes). Sem poder imaginar, já estava propiciando um encontro entre esses dois campos: o das sexualidades e o da saúde mental, com o início de uma reflexão sobre dois movimentos de luta contra o preconceito e todas as formas de violação de direitos, dois movimentos pela afirmação da existência.

E no desejo de conhecer um pouco mais sobre a Atenção Psicossocial, fiz mais uma parada no campo da Saúde Mental, no ano de 2013, por meio da minha inserção enquanto aprimoranda no Campo da Saúde Mental e Coletiva<sup>9</sup>. Minhas reflexões sobre o (não) lugar das sexualidades no campo da Saúde Mental partem da minha vivência no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II e Ambulatório de Saúde Mental - ASM da cidade de Assis, no interior do estado de São Paulo. Por fim, esse desejo começa a disparar a continuidade dessa viagem. Durante esse percurso, muitos encontros foram capazes de (re)inventar cada passo desse caminho que me transformaram, e me transformam, a cada parada. E agora, convido-vos a fazermos juntas/juntos mais uma parada!

---

<sup>8</sup>. Essa nomenclatura era utilizada naquele momento, no entanto, a partir da I Conferência Nacional GLBT, ocorrida em junho de 2008, o movimento social decidiu utilizar a categoria Lésbica no início do acrônimo buscando dar maior visibilidade às mulheres lésbicas, contribuindo, assim, para a minimização da dupla violência sofrida por esta população, que sofre por ser mulher e lésbica.

<sup>9</sup>Refiro-me ao Programa de Aprimoramento Profissional – PAP da Secretaria do Estado da Saúde de São Paulo – SES.

## INTRODUÇÃO

A partir da aproximação da sexualidade com o campo da Saúde Mental na perspectiva da Atenção Psicossocial, surgiu a necessidade de tal problematização ao percebermos como manifestações/questões da sexualidade emergiam em alguns serviços de Saúde Mental. Muitas vezes, essas questões surgiam e permaneciam, em alguns casos, na ordem da invisibilidade. Com isso, comecei a questionar o por que a sexualidade dessas pessoas não era pensada e, com isso, iniciei um processo de reflexão: O que se entende por sexualidades? Quais são os discursos acerca das sexualidades no campo da Saúde Mental?

Dessa forma, as expressões das sexualidades das pessoas em sofrimento psíquico são vistas como estigmas, pois são compreendidas como desviantes, exacerbadas, descontroladas e, por isso, muitas vezes são reprimidas. Buscando controlar o excesso para manter a ordem interna, as instituições que essas/esses usuárias/usuários frequentam usam de diversas estratégias para isso, por meio dos discursos rígidos, normalizadores e disciplinarizadores; além de medicações para cessar esse "problema". É assim que os jogos de pedagogia do corpo atuam: formando e administrando a vida das pessoas (VASCONCELOS, 2010).

Nesse contexto, é de tamanha importância o diálogo entre sexualidades e Atenção Psicossocial. No entanto, muitos profissionais acreditam que as demandas das sexualidades não são prioritárias, isto é, creem que haja um sofrimento "maior" na/no usuária/o e outros sintomas que devam ser "tratados", e que muitas manifestações são parte de "delírios" ou são "crises e surtos".

As pessoas em sofrimento psíquico vivem de modo com que os discursos e práticas sejam impostos de forma naturalizada, muitas vezes rotulando e negando os seus desejos. Eles/elas já possuem um rótulo, um diagnóstico e um "futuro previsível". Com isso, os estigmas excluem e marcam os corpos dessas pessoas, colocando-as na posição de impotentes, incompetentes e associando-as com risco de periculosidade. Logo, tais profissionais agem como se essas pessoas não fossem atravessadas subjetivamente pelo desejo (TINOCO, 2009).

É necessário refletir em que momento as sexualidades, até então, entendidas como etiologia de neuroses, psicoses e perversões, foram dissociadas dos estudos

e da prática do campo da Saúde Mental. Isto é, em que momento histórico a ideia de uma "sexualidade exacerbada ou reprimida" como causa de patologia, perdeu força no discurso científico sobre as etiologias de problemáticas mentais, bem como nas práticas da saúde mental? Ainda, como mesmo tendo perdido espaço nos discursos e práticas, mantém-se como uma força poderosa constatada nas práticas de equipes e na invisibilidade de publicações sobre o tema?

A partir de experimentações desse campo, observamos que há poucas problematizações em alguns serviços tanto em relação às posturas dos profissionais quanto das/dos usuárias/usuários entre si. Ainda na busca por um respaldo teórico, percebemos também que não há muitas referências bibliográficas acerca desse assunto.

A partir de um levantamento bibliográfico inicial<sup>10</sup> realizado em bases de dados (SciELO, Bireme e BVS-Psi) e nos documentos do Ministério da Saúde, encontramos poucos trabalhos que articulavam Sexualidade, Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Na busca por materiais específicos do campo da saúde mental, encontramos, por exemplo, uma cartilha que abordava as questões de sexualidades/gênero: *“Guia para Profissionais de Saúde Mental Sexualidade e DST/Aids: Discutindo o Subjetivo de Forma Objetiva”*. (Ministério da Saúde, 2002). Na apresentação deste material temos definido que este guia não é uma fórmula pronta e acabada para lidar com as múltiplas situações vivenciadas pelos profissionais no dia-a-dia da assistência” (p.9). Dessa forma, ele tem o intuito de propor algumas estratégias de intervenção, juntamente com os usuários, em relação às questões de sexualidade, prevenção e tratamento às DSTs/AIDS nos serviços de saúde mental. Também há uma discussão sobre vulnerabilidade pontuando, por exemplo, características que tornam as/os usuárias/usuários de saúde mental mais vulneráveis; a abordagem junto a/ao usuária/usuário; aconselhamento e adesão ao tratamento medicamentoso e também formas de intervenção por meio de “atividades” para se trabalhar com essas questões das sexualidades nos serviços psiquiátricos.

---

<sup>10</sup> Refere-se a um levantamento bibliográfico sobre Sexualidade e Atenção Psicossocial, realizado em uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Psicologia UNESP/Assis chamada "Atenção Psicossocial: origens, inovações e desafios", ministrada no primeiro semestre de 2013. Esse levantamento continuou a ser realizado até o final de 2013 como parte de um trabalho, especificamente um relato de experiência, sobre Sexualidade e Atenção Psicossocial como conclusão do Programa de Aprimoramento Profissional.

Um fato interessante é que em 2015 (mesmo não sendo nosso recorte este ano em específico), é publicado o “Cadernos Humaniza SUS- Ministério da Saúde, vol 5: Saúde Mental”. A publicação tem em seu quinto volume temático o tema da Saúde Mental, entretanto, não encontramos nenhuma discussão sobre sexualidade/gênero nos textos que compõem esse material. Com isso, demonstra-se a ausência de articulação dessas questões nesse âmbito, mesmo com publicações oficiais recentes.

Podemos também nos atentar ao fato de que existe uma lacuna em relação à organização de uma política estatal, pois já que citamos um material oficial do Ministério da Saúde – Cartilha - e também os Cadernos Humaniza SUS -, os Relatórios Finais das Conferências Nacionais de Saúde Mental também são considerados documentos oficiais que norteiam as políticas públicas. O Relatório Final é considerado diretriz oficial para a reestruturação da Saúde Mental.

Entretanto, é apenas em 2010 que as questões das sexualidades e gênero são efetivamente incluídas nas propostas de atenção em saúde mental, assim como a urgente necessidade de pensar essa discussão. Acrescido a isso, haviam os desafios inerentes à organização e à implantação das políticas nacionais de saúde mental no Brasil envolvidas com a promoção da saúde.

As propostas relacionadas à garantia desses direitos, inserem-se no “Eixo II- Consolidar a Rede de Atenção Psicossocial e Fortalecer os Movimentos Sociais”. Os princípios e as diretrizes podem ser acessados no IV Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Inter setorial.

2.9 Garantia do acesso universal em saúde mental: enfrentamento da desigualdade e iniquidades em relação à raça/etnia, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, grupos geracionais, população em situação de rua, em privação de liberdade e outros condicionantes sociais na determinação da saúde mental. (SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. 2010, p.99)

Trouxemos esse dado do Relatório apenas para ilustrar como se faz necessária a discussão dessas questões, pois notamos algumas lacunas no âmbito das políticas públicas. Podemos perceber que é recente a inserção dessas propostas, apenas no IV Relatório, visto que nos três primeiros havia uma lacuna a respeito dessa discussão.

Compreendemos ser interessante fazer uma leitura e análise dos Relatórios<sup>11</sup> Finais das Conferências Nacionais de Saúde Mental, pela importância e objetivo desse material. Ao final das Conferências é produzido um relatório por meio das propostas construídas democraticamente e aprovadas em plenária, que serão diretrizes para a política de saúde por um período de 4 anos. Essas diretrizes têm o intuito de orientar gestores, prestadores de serviços, trabalhadores, movimentos sociais, organizações civis e usuários em relação às demandas da saúde. Além de ser um documento de informação fundamental das mudanças das políticas que envolvem, nesse caso, a saúde pública brasileira.

As Conferências Nacionais de Saúde Mental são espaços de participação popular na área da saúde mental e da saúde como um todo. Formaram-se como um importante instrumento na luta pelo Movimento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Com o envolvimento de todas as instâncias da sociedade que possuem articulações com as questões da saúde mental, têm o intuito de promover discussão e reflexão sobre a situação da saúde mental no Brasil.

Pautados nesses levantamentos bibliográficos, o que esses autores demonstram pode ser tomado como um indicador da lacuna existente quanto à produção de trabalhos sobre o tema. Por outro lado, esse levantamento serviu como base para nossas problematizações e impulsionou uma nova busca ampliada com um recorte anual e com o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão, que nortearam essa atual pesquisa.

## **A Pesquisa**

O objetivo principal da pesquisa foi identificar e analisar a produção discursiva sobre sexualidade, relacionada ao campo da saúde mental, a partir de artigos científicos indexados nas bases de dados SciELO e LILACS dirigidos a esta área, tendo como recorte os anos de 2001 a 2014. Objetivamos também verificar quais as perspectivas teórico-metodológicas sobre essas questões estavam contidas nessas publicações que foram analisadas. Dessa forma, para a compreensão das questões

---

<sup>11</sup> Até o momento têm-se 4 Relatórios Finais das 4 Conferências Nacionais de Saúde Mental. A I Conferência aconteceu em 1987, a II Conferência em 1992, a III Conferência em 2001 e a IV Conferência em 2010

da sexualidade no campo da saúde mental, consideramos os atravessamentos dos marcadores sociais da diferença, como gênero, raça, classe, geração, dentre outros presentes ou não nos artigos.

O marco referencial que escolhemos é o ano de 2001, ano este em que a Lei Federal nº 10.216 de 6 de abril de 2001, também conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica, foi promulgada. Esta lei instituiu a garantia dos direitos das pessoas em sofrimento psíquico fortalecendo o processo de organização de uma nova proposta de cuidado à saúde mental no Brasil. Em consonância a esse processo, propusemos a dar visibilidade aos discursos que vinham sendo construídos e divulgados sobre as sexualidades no campo da saúde mental.

Utilizamos como técnica para análise dos artigos científicos, a Análise de Conteúdo, a partir da perspectiva de Laurence Bardin (1977). Essa técnica auxiliou-nos na organização e sistematização das categorias temáticas com que trabalhamos e dessa forma proporcionou uma melhor visualização e análise dos dados.

Como suporte teórico para auxiliar as discussões propostas e também compor todo o trabalho, dialogamos com Michael Foucault e suas contribuições para as análises das relações de poder que se engendraram na consolidação dos processos de produção de subjetividades e produções discursivas. Ainda, utilizamos teóricas/os dos estudos de gêneros, culturais e teóricas feministas pós-estruturalistas dos Estudos Queer, afim de realizarmos as análises sobre as naturalizações dos discursos sobre as sexualidades, encontrados nos dados levantados.

Para a problematização das questões relacionadas à saúde, na perspectiva da Atenção Psicossocial, utilizamos referências que auxiliassem na articulação entre saúde mental e sexualidade, incluindo ainda textos oficiais que organizassem e articulassem as políticas de saúde - como, por exemplo, cartilhas do Ministério da Saúde.

Para a construção desse caminho apresentamos o Primeiro Encontro, composto pelo 1º Capítulo, em que realizamos uma breve discussão a respeito da construção histórica do discurso médico-psiquiátrico, que produz o diagnóstico binário louco-não louco, e os saberes em torno da loucura. Também analisamos como as questões da sexualidade se inserem ou não nesses discursos, problematizando o (não)diálogo entre as questões da sexualidade no campo da

saúde mental, por meio de uma discussão em torno de como o dispositivo incide sobre o corpo classificado como louco.

No Segundo Encontro, o Capítulo 2, apresentamos alguns apontamentos teórico-metodológicos, e o percurso da escrita enquanto um posicionamento ético político de trabalho. Nesse capítulo, procuramos mostrar o caminho realizado, bem como os materiais (fontes) e a perspectiva com que dialogaremos por todo esse processo de construção da pesquisa.

E por fim, no Capítulo 3, (Des)Encontros, apresentamos o (não)diálogo entre a sexualidade e o Campo da Saúde Mental por meio dos dados levantados, bem como a discussão e análise destes dados. Por meio dos materiais selecionados construímos categorias temáticas e discussões a respeito desses (des)encontros, possibilitando uma visualização e problematização do que vem sendo produzido nesse campo.

### **Considerações para um próximo encontro...**

Todo esse percurso que realizamos, mostrou-nos que temos ainda muitos encontros e (des)encontros entre sexualidade e Saúde Mental, pois o mais árduo é (re)existir em meio a tantas classificações e patologizações da existência.

Para isso, é preciso transformar as representações dos usuários, dos trabalhadores, enfim, de todos os segmentos sociais, acerca da loucura e de seu cuidado. A luta por uma sociedade sem manicômio deve transcender a especificidade da saúde mental e manter um estreito vínculo com a luta pela transformação da sociedade (LUZIO, 2010, p.173).

Deparamo-nos com o desafio, ainda existente do movimento da reforma Psiquiátrica de reivindicação de direitos. Mesmo com a lei da Reforma, percebemos que os direitos dessas pessoas ainda não estão assegurados.

Algumas mulheres, por exemplo, foram institucionalizadas e excluídas socialmente apenas por serem mulheres e por não corresponderem aos papéis de gênero designados a elas. Dessa forma, receberam, e ainda recebem, diagnósticos diversos, foram e são estigmatizadas e patologizadas por uma "sociedade dita normal". Assim, questionar e compreender os aspectos relacionados à loucura, seus tratamentos e suas terapêuticas, e à instituição manicomial, também é questionar e problematizar a respeito da concepção dos sofrimentos psíquicos que atingem, em sua maioria, as mulheres, na patologização de seus sentimentos/desejos e no empoderamento de seus corpos.

Muitas vezes, a não correspondência aos padrões/estereótipos de gêneros e sexualidade recebe o nome de loucura. Seja para desqualificar um discurso ou, até mesmo, para estigmatizar e excluir uma mulher da sociedade. Assim, compreendemos que a luta antimanicomial também deveria ser considerada uma luta feminista, já que historicamente tivemos e ainda temos nossos corpos e sentimentos invalidados e patologizados, visto que o aparato manicomial é usado também para reprimir, normalizar e excluir as diferenças de gêneros e sexualidade.

Em determinados contextos, as questões da sexualidade tornam-se um campo problemático para alguns profissionais, funcionárias/os, pois estes se sentem inseguros em abordar tais questões, uma vez que precisam se despir de valores, crenças e, de um certo moralismo, e precisam se posicionar eticamente para fazer

possível a escuta e o olhar para o sujeito, sem diagnósticos e rótulos. Tendo em vista assim, a diversidade que nos atravessa, sem pensar a sexualidade desse sujeito como negação de algo ou sem associar a condutas desviantes, que resultam em transgressões e patologias.

Existem questões que vão na contramão do que acreditamos ou pensamos sobre algo, nesse sentido vimos que os preconceitos e a discriminação encontram-se alocados, muitas vezes, no profissional em si. O estigma classifica e marca os sujeitos, uma vez que é tido como um desvio do padrão de comportamento social, um preconceito que reforça esse processo identitário. Em algumas situações, a pessoa em sofrimento psíquico é estigmatizada e classificada como alguém com um desvio comportamental, conseqüentemente, tendo esses atributos (re)afirmados pelo preconceito fundamentado em valores socialmente aceitos.

Assim, faz-se importante o trabalho de formação com a equipe, a formação na graduação e pós-graduação, tendo em vista a abordagem e as reflexões sobre essas problematizações, pois a formação das/dos profissionais parece estar cada vez mais técnica, no âmbito dos especialismos. É fundamental o diálogo entre as áreas e linhas de pesquisa, muitas vezes distantes e ao mesmo tempo tão próximas em suas demandas e em seus movimentos de luta.

É necessário pensar em orientação e instrumentalização das/os profissionais da saúde no intuito de cuidarem de seus pacientes como sujeitos desejantes e que, às vezes, sofrem por desejar e não conseguem lidar com isso. Nesse contexto, é necessário que a/o profissional possa estar preparada/o quando for confrontado com suas próprias pré-noções sobre a sexualidade, pois muitas/muitos profissionais apresentam-se com posturas rígidas e com certa fixidez e distorções referentes às identidades sexuais e de gênero.

Consideramos uma necessidade de grande avanço na problematização acerca da sexualidade de maneira geral. É necessário retomar as discussões do que é sexualidade, para além das práticas (hetero)sexuais e livrá-la da moral e do julgamento de valor que cada um de nós realiza. Há que se fazer um questionamento a todo o corpo social.

Desse modo, é preciso colocar em pauta a sexualidade das/nas pessoas em sofrimento psíquico, colocar em pauta a própria sexualidade – de cada profissional – e seus valores e concepções de afeto, sexo, prazer, desejo, etc. A sexualidade em nós deve ser colocada em discussão para que alcance a Atenção Psicossocial de

maneira a promover o trabalho com a complexidade e o reposicionamento do sujeito em sua existência, tão caros a esse paradigma. Dessa forma, os discursos e práticas vão se traduzindo em pedagogias de gênero e sexualidade, formando e informando relações institucionais e práticas profissionais não voltadas para a singularidade do sujeito.

A articulação entre sexualidade e saúde mental, pautada nos preceitos da Atenção Psicossocial, é um desafio para as políticas públicas, pois sinaliza limites que devem ser superados. É de tamanha importância, discutir os saberes e fazeres que produzem e naturalizam a normalização dos corpos ou mesmo dos discursos que negam esses corpos.

Como discorreremos durante o texto, a loucura foi silenciada pela razão por meio de discursos científicos e, desse modo, o direito a existir enquanto cidadão foi (re)negado a determinadas pessoas. Se essas pessoas não são autorizadas nem a existir enquanto pessoas de direitos, como então poderiam ter o direito ao desejo de afecto, prazer, sexo ou quaisquer que sejam as expressões de sexualidade. Como já foi dito anteriormente, a sexualidade dessas pessoas foi e é judicializada, parecendo que para a loucura permanecer e se manter é necessário negar/retirar a sexualidade dessas pessoas.

Desse modo, os discursos em torno dessas questões foram se constituindo de tal forma que existe uma ausência de estudos e discussões sobre a sexualidade no cenário da loucura. A produção científica ainda permanece escassa, e quando há esse diálogo são evidenciadas as limitações e dificuldades em trabalhar com esse tema, dar voz e visibilizar essas questões nesse campo.

O que podemos compreender é que o dispositivo da sexualidade atua sim nesses corpos marcados pela loucura de diversas formas e meios como, por exemplo, na separação de alas femininas e alas masculinas. Seria essa separação algo a se evitar? É necessário impossibilitar a procriação dessas pessoas? Será que são pessoas que poderiam vir a reproduzir? Será que poderiam reproduzir mais loucura?

Enfim, esses corpos dissidentes são considerados corpos não produtivos, pois não estão no maquinário capitalístico, não fazem o capital funcionar, são corpos indesejáveis por não servirem ao/para o Estado. O Estado apresenta o que constitui o ideal de corporeidade, quais são os corpos que correspondem ao projeto ideal de nação e os que não estão inclusos nesse padrão, acabam por serem

aniquilados/excluídos.

E, por fim, até quando será que vamos ter que pedir licença para sentirmos e desejarmos?

*Não quero e nem pretendo me  
tornar uma pessoa normal*

*A minha loucura me permite  
fazer voos rasantes e voos altos*

*Minha mente é livre, vou onde  
quero ir*

*Posso ser várias coisas, em  
vários momentos*

*Não gosto de pessoas chatas.  
Não gosto, e por essa e outras  
razões não quero deixar de ser  
eu mesma*

*Não me permito ser totalmente  
curada. Minha médica até*

*tenta me tornar uma pessoa  
normal. Mas ela também sabe*

*que o dia em que isso acontecer  
eu não serei eu e sim uma*

*pessoa hipócrita e muito triste e  
chata também*

*(Felina)<sup>45</sup>*

---

<sup>45</sup>Célia Regina de Oliveira (Felina) é escritora, poetisa e artesã. Integrante da Associação de usuários, amigos e familiares da Saúde Mental PIRASSIS e também integrante como compositora e backing vocal da BANDA LOKO NA BOA.

## REFERÊNCIAS

I CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE MENTAL. **Conferência nacional de saúde mental: relatório final**. 8ª Conferência Nacional de Saúde. Brasília: Centro de documentação do Ministério da Saúde, 1988.

II CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE MENTAL. **II Conferência Nacional de Saúde mental – a reestruturação da saúde mental no Brasil: modelo assistencial, direito à cidadania: relatório final**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 1992.

ADRIÃO, K.G; BORELLI, M; ARAÚJO, M.F. Reflexões sobre o uso da interseccionalidade na interface com os processos de subjetivação no campo da saúde mental: questões de gênero, classe e geração na formação em psicologia. In: Zanello, V. & Andrade, A.P.M. (Orgs). **Saúde Mental e Gênero: Diálogos, Práticas, Interdisciplinaridade**. Curitiba: Appris, 2014, pp.107-128.

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AMARANTE, P. Manicômio e loucura no final do século e do milênio. In: FERNANDES, M. I.; SCARCELLI, I. R.; COSTA, E. S. (Org.). **Fim do século: ainda manicômios?** São Paulo: IPUSP, 1999. p. 47 – 53.

\_\_\_\_\_. A (clínica) e a Reforma Psiquiátrica. In: \_\_\_\_\_. (Coord.). **Archivos de Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: NAU, 2003. p. 45 – 65.

\_\_\_\_\_. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

ARAGÃO, E. M. et. al. Falando de metodologia de pesquisa. In: **Estudos e pesquisa em Psicologia**. Rio de Janeiro, 2005, p. 18-28.

ASSMANN, S. et. al. Corpo e Biopolítica: poder sobre a vida e poder da vida. In: **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/ II Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Recife: CBCE, 2007, p.1 - 9.

BARBOSA, J.A.G; GUIMARÃES, M.D.C; FREITAS, M.I.F. Sexualidade e vulnerabilidade social em face das infecções sexualmente transmissíveis em pessoas com transtornos mentais. **Rev Med Minas Gerais**, v.23, n.4, p.455-461, dez 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, A.J.S et al. Homicídio sexual: relato de caso de perícia psiquiátrica forense. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 32, n. 4, p. 466-467, dez. 2010 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516)>. Acesso em: 07 ago. 2016.

BIRMAN, J. **Sexualidade na Instituição Asilar**. Rio de Janeiro/RJ: Achiamé Ltda, 1980.

BRASIL. **Lei 10.216 de seis de abril de 2001**. Brasília: Diário Oficial da União, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde Mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 548 p.: il. (**Caderno HumanizaSUS; v. 5**)

BRITO, P; OLIVEIRA, C. A sexualidade negada do doente mental: percepções da sexualidade do portador de doença mental por profissionais da saúde. In: **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v.14, 2009, p. 246-254

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 2.ed<sup>o</sup>. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Desdiagnosticando o gênero. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 95-126, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312009000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 agost. 2016.

\_\_\_\_\_. Regulações de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 42, p. 249-274, June 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332014000100249&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100249&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 agost. 2016.

\_\_\_\_\_. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2015.

CÂMARA, R.H. Análise de Conteúdo: da teoria às práticas em pesquisas sociais aplicadas às organizações. In: **Revista Interinstitucional de Psicologia**. Brasília, 2013, p. 179-191.

CAMELO, V.C. et al. Perceptions about HIV/Aids and health inequalities among psychiatric patients in Brazil. **Rev Med Minas Gerais**, v.23, n.4, p.432-440, 2013.

CAMPOS, L. N. et al. HIV, syphilis, and hepatitis B and C prevalence among patients with mental illness: a review of the literature. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, supl. 4, p. s607-s620, 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008001600012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008001600012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: em 07 ago. 2016.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009

CAPONI, S. Michel Foucault e a persistência do poder psiquiátrico. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(1):95-103, 2009.

COSTA-ROSA, A.; LUZIO, C. A.; YASUI, S. Atenção psicossocial: rumo a um novo paradigma na saúde mental coletiva. In: AMARANTE, P. (Org.). **Archivos de Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: NAU, 2003. p. 13-45.

CUNHA, A. C. M.; LUZIO, C. A.; PAIVA CRUZ, S. G. F. A arqueogenealogia como ferramenta de pesquisa no campo da Atenção Psicossocial. In: **Revista de Ciências Humanas**. Santa Catarina, vol.48, n.2, 2014, p.186-203.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Trad: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Editora 34: Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. Trad: Cláudia Sant'Anna Martins. 6ª reimpressão da 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, M.; DELEUZE, G. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Doença Mental e Psicologia**. Trad: Lilian Rose Shalders. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I – a vontade de saber**. Trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Editora Graal: Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade". In: **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

----- **Os Anormais**: curso no Collège de France (1974-1975).-São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011, p. 69-78.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Trad: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. 254 p.

FRAYZE-PEREIRA, J.A. **O que é loucura**. Brasiliense, 1985.

GUIMARAES, M.D.C et al. Reliability and validity of a questionnaire on vulnerability to sexually transmitted infections among adults with chronic mental illness: PESSOAS Project. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 30, n. 1, p. 55-59, mar. 2008  
Disponível em  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462008000100011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462008000100011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: em 07 ago. 2016.

GUIMARAES, M. D. C et al. HIV risk behavior of psychiatric patients with mental illness: a sample of Brazilian patients. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 32, n. 4, p. 349-350, dez. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462010000400007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462010000400007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: em 07 ago. 2016.

KHUN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1975, 262 p.

LIMA, E. M. A. **Clínica e Criação**: um estudo sobre o lugar das atividades nas práticas em saúde mental. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

LIMA, E. M. F. A. Dogville ou quando a vida é reduzida a um ciclo interminável de produção e consumo. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 8, n. 15, p. 393-396, ago. 2004.

LIMA, E. M. F. A.; YASUI, S. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. In: **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, 2014, p. 593-606.

LOPES, M. M; PISCITELLI, A. Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero: um olhar desde as "margens". **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, n. spe, p. 115-121, dez. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000300013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso: em 19 jan. 2017.

LUZIO, C. A. **Atenção Psicossocial: reflexões sobre o cuidado em saúde mental no Brasil**. Tese de Livre-Docência não publicada. Assis, 2010. Cedida pelo autor.

OLIVEIRA, C.S.S; MANN, C. G; OLIVEIRA, S.B. Guia para profissionais de saúde mental sexualidade & dst/aids: discutindo o subjetivo de forma objetiva. In: **Guia para profissionais de saúde mental sexualidade & dst/aids: discutindo o subjetivo de forma objetiva**. Brasil. Ministério da Saúde, 2002.

PEIXOTO, E. R. de M; BARROS, F. C. R; GUIMARAES, M. D. C. Factors associated with unprotected sexual practice among men and women with mental illnesses in Brazil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 7, p. 1475-1486, jul. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2014000701475&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014000701475&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: em 07 ago. 2016.

PELBART, P. P. **A nau do tempo rei: 7 ensaios sobre o Tempo da Loucura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PELÚCIO, L., MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, Norteamérica, 0, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/29/132>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

PERES, W.S. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na**

**educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p.235-263.

PRECIADO, B. **Testo Yonqui.** Madrid: Espasa, 2008.

\_\_\_\_\_. El miembro fantasma: Carol Rama y la historia del arte. In: "**La pasión según Carol Rama**". Preciado, B; Dressen ,A; Grandas, T. Barcelona: MACBA. 2014. (Catálogo de exposição).

PROVIDELLO, G.G.D. **Projeto Banda Lokonaboa: criando uma acorde entre arte, loucura e reforma psiquiátrica.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

PINTO, D. S et al. Sexuality, vulnerability to HIV, and mental health: an ethnographic study of psychiatric institutions. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2224-2233, set. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2007000900030&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000900030&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: em 07 ago. 2016.

REBELLO, H.C.Jr. Foucault em vôo rasante. Artigo não publicado. Cedido pelo autor.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental** – transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina/Editora UFRGS, 2011.

ROSEMBERG, B; MINAYO, M.C.S. A experiência complexa e os olhares reducionistas. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, 2001, p.115-123.

ROTELLI, F.; LEONARDI, O. & MAURI, D. Desinstitucionalização uma outra via. In NICÁCIO, F. (org) **Desinstitucionalização.** São Paulo: HUCITEC, 2001.

RUBIN, G. **Pensando o Sexo:** Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. Revisão de Miriam Pillar Grossi, 1984/2012. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin\\_pensando\\_o\\_sexo.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf?sequence=1).

SANTOS, B. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente:** um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2003. 821 p.

SILVA, C. R., GOBBI, B. C., & SIMÃO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: Descrição e aplicação do método. **Organizações Rurais Agroindustriais.** Revista Eletrônica de Administração da UFLA, LAVRAS, vol. 7, n. 1, p. 70-81, 2005. Disponível em <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/210/207>. Acesso: em 23 ago.2016.

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS). Conselho nacional de saúde. Comissão Organizadora da III CNSM. **Relatório Final da III Conferência Nacional de Saúde**

**Mental. Brasília, 11 a 15 de dezembro de 2001.** Brasília: Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, 2002.

\_\_\_\_\_. Comissão Organizadora da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial. **Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial, 27 de junho a 1 de julho de 2010.** Brasília: Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, 2010.

SPOSITO, S.H. **Homossexualidades na psicologia:** da despatologização à luta por direitos. 2015. 209 f. Tese (Doutorado em Psicologia) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

TEIXEIRA-FILHO, F.S; RONDINI, C. A.; BESSA, J. C. Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. In: **Revista da Faculdade de Educação da USP. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.4, 2011, p. 725-741.

TEIXEIRA-FILHO, F. S. **Psicologia e Teoria Queer:** das identidades aos devires. 2013. 204 f. Tese (Livre Docência em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

Disponível em <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14101/15919>. Acesso: em 23 ago.2016.

TINOCO, S.G. **Articulando Gênero e Saúde Mental: Implicações da saúde mental nas construções de masculinidades de homens usuários do CAPS II de Alvorada/RS.** Trabalho de Conclusão de curso (Programa de Pós-graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre -2009.

VASCONCELOS, M.F.F. Como tantas: Maria. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.35, n.3, 2010, p.277-302.

ZANELLA, A.V. et.al. Diversidade e Diálogo: Reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em Psicologia. In: **Interações**. vol. 12, n.22, 2006, p. 11-38

ZANELLA, A.V; SAIS, A.P. Reflexões sobre o pesquisar em psicologia como processo de criação ético, estético e político. In: **Análise Psicológica**. vol.26, n.4, 2008, p. 679-687.

ZANELLO, V. A Saúde Mental sob o viés do gênero: uma releitura gendrada da epidemiologia, da semiologia e da Interpretação Diagnóstica. In: Zanello, V. & Andrade, A.P.M. (Orgs). **Saúde Mental e Gênero: Diálogos, Práticas, Interdisciplinaridade.** Curitiba: Appris, 2014, pp. 41-58.

ZILIOOTTO, G; MARCOLAN, J.F. Representações sociais da enfermagem: a sexualidade de portadores de transtornos mentais. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.18, n. 4, p.966-978, nov 2014.

YASUI, S. **Rupturas e encontros:** desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira. 2006. Tese (Doutorado em Ciências na Área de Saúde) - Escola Nacional de Saúde Pública da Associação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

YASUI, S. **Rupturas e Encontros**: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Coleção Loucura & Civilização. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.